

FRENTE: FILOSOFIA

PROFESSOR: JOÃO SARAIVA

EAD – MEDICINA

AULA 7

ASSUNTO: A HISTÓRIA DA FILOSOFIA (PÓS-MODERNIDADE OU MODERNIDADE LÍQUIDA?)



Resumo Teórico

Introdução

A **pós-modernidade** é definida por muitos autores como a época das incertezas, das fragmentações, das desconstruções, da troca de valores. É possível ser otimista na era da pós-modernidade?

Às vezes parece que o mundo está de pernas para o ar. No bombardeio de informações e notícias que chegam à sociedade a cada instante, seja por meio do rádio, da televisão, de revistas ou da Internet, a violência, os atos de corrupção, os sequestros, os crimes com requintes de crueldade ganham cada vez mais destaque. A educação recebida dos pais e das escolas, os valores como ética, moral e caráter, a religião, a solidez do casamento e da família, estão perdendo espaço para novas formas de comportamento regidas pelas leis do mercado, do consumo e do espetáculo.

Vive-se numa época de grande barbárie e de pouca solidariedade. São tempos de alta competitividade guiados pela lógica da acumulação de bens e das aparências. Em nome dessa nova ideologia, os indivíduos se permitem agir passando por cima de valores que sequer chegaram a formar. O que importa é ser reconhecido, ser admirado, ter acesso a uma infinidade de produtos e serviços e usufruir o máximo do prazer.

E para isso, tudo é válido. Age-se de acordo com o momento e com a conveniência. "Pegar um atalho", como se diz na linguagem da informática, tornou-se uma prática comum. Nesse contexto, não há por que esperar e se sacrificar para adquirir bens e ter sucesso, se existe meios mais rápidos para conseguir o que se pretende. Mas afinal, que tempos são esses em que as pessoas passam umas por cima das outras, sem qualquer constrangimento ou culpa, em busca de dinheiro e poder? Será que é possível encontrar uma luz no fim do túnel e ter otimismo nesse cenário?

A Pós-Modernidade como divisor de águas

Para muitos teóricos, filósofos e sociólogos, a época atual é marcada por fenômenos que representam um divisor de águas

com a Modernidade. Chamada e estudada como **pós-modernidade**, ela é caracterizada por mudanças significativas provocadas e vividas pelo homem. Entre as mais evidentes, e que desencadearam muitas outras, pode-se apontar a globalização, unificadora das sociedades do planeta, um novo modo de cultura e as novas condições que põem em perigo a continuidade da espécie humana.

A pós-modernidade surgiu com a desconstrução de princípios, conceitos e sistemas construídos na modernidade, desfazendo todas as amarras da rigidez que foi imposta ao homem moderno. Com isso, os **três valores supremos**, o **Fim**, representado por Deus, a **Unidade**, simbolizada pelo conhecimento científico e a **Verdade**, como os conceitos universais e eternos, já estudados por Nietzsche no fim do século XIX, entraram em decadência acelerada na pós-modernidade.

Por conta disso, para a maioria dos autores, a pós-modernidade é traçada como a época das incertezas, das fragmentações, da troca de valores, do vazio, do niilismo, da deserção, do imediatismo, da efemeridade, do hedonismo, da substituição da ética pela estética, do narcisismo, da apatia, do consumo de sensações e do fim dos grandes discursos.

O efeito cascata das grandes mudanças

Como consequência dessa derrocada, surgiram outros fenômenos sociais e culturais. O declínio da esfera pública e da política, a crise ecológica, o impasse histórico do socialismo, os tribalismos, a expansão dos fundamentalismos, as novas formas de identidade social e as consequências da informatização sobre a produção e sobre o cotidiano trouxeram à tona a discussão sobre a pluralidade e a fragmentação presentes na época atual.

Essas mudanças e outras que também marcaram a história da humanidade, como a explosão da bomba atômica em Hiroshima, o perigo nuclear e o terrorismo internacional, fizeram com que o futuro se tornasse incerto e ameaçador, enfraquecendo a crença na posteridade e fazendo com que as ações humanas passassem a ser conduzidas focando apenas o presente, diluindo assim o sentido da continuidade histórica.

Essa conduta, associada ao avanço ininterrupto dos meios tecnológicos de comunicação e aos efeitos da globalização com a sua queda de fronteiras, fez emergir um novo tipo de sociedade, caracterizada, salvo raras exceções, pelo **narcisismo**, pelo **hedonismo**, pelo **imediatismo** e pelo **consumismo**.

Sem a pretensão de tomada do poder, essa nova organização social participa, sem envolvimento profundo, de pequenas causas e dá adeus à esperança e aos grandes ideais. No entanto, ao afrouxar os laços sociais, vai, inconscientemente, esvaziando as instituições num processo chamado por sociólogos, como **Gilles Lypovetsky**, de **deserção do social**.

A deserção de valores e de instituições

Após a agitação política e cultural dos anos 60, a despolitização, a dessindicalização e a deserção adquiriram proporções nunca antes atingidas. Como exemplo, na **guerra da Coreia** em 1950, não houve desertores. Na do **Vietnã**, em 1975, houve aos montes.

Mas a deserção não parou por aí. A esperança revolucionária, a contestação estudantil e a vanguarda esgotaram-se nos seus conceitos e movimentos, fazendo surgir uma espécie de apatia, de neutralização e de banalização do social. Com isso, a vida particular emerge vitoriosa. Torna-se possível zelar, sem culpa, apenas por seus próprios interesses, perder os complexos, enfim, viver o presente sem maiores preocupações com as tradições, com a alteridade e com a posteridade.

A decadência das grandes ideias e o mundo

Pós-Moderno

Ao mesmo tempo em que se associou à pós-modernidade a decadência das grandes ideias, valores e instituições ocidentais como Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Totalidade, Ciência, Sujeito, Consciência, Produção, Estado, Revolução e Família, valorizou-se outros temas considerados menores ou marginais em filosofia, como Desejo, Loucura, Sexualidade, Linguagem, Poesia, Sociedades Primitivas, Jogo, Cotidiano, enfim, elementos que abrem novas perspectivas para a liberação individual.

Como funciona o Pós-Modernismo

A Era Moderna acabou em algum momento do século XX e desde então o mundo vive na chamada **pós-modernidade**, com uma arte pós-modernista, sob a filosofia do Pós-Modernismo e em condições sociais, políticas e econômicas pós-modernas.

É por isso que você tem tido tanta dificuldade para compreender o mundo a sua volta, certo? Na verdade, não. Na Idade Média ou na Antiguidade as pessoas tinham uma dificuldade parecida (e essa é a principal razão que faz as religiões serem um sucesso de público há séculos). Portanto, a culpa pelas suas incertezas não é porque você deu azar de viver nesse tal de Pós-Modernismo.

O problema com o Pós-Modernismo, para começar, é que nem todos que entendem do assunto concordam que ele exista. Os conceitos sobre a tal Era Pós-Moderna têm sido motivo para intensas polêmicas intelectuais.

De um lado artistas, pensadores e historiadores defendem que a ascensão do ceticismo, da subjetividade e do relativismo na nossa forma de pensar, a crescente desconfiança em relação à razão, o fracasso das ideologias e mudanças nas formas de acumular capital marcam uma nova etapa para a humanidade, com implicações na filosofia, nas artes, no comportamento, na economia, na política.

De outro, grupos equivalentes rebatem com o argumento de que os fundamentos da modernidade, constituídos desde o Iluminismo, como o capitalismo, a democracia e o conhecimento científico continuam a vigorar e a ser uma aspiração para a maioria dos povos. Portanto ainda viveríamos sob os ares da Era Moderna.

O primeiro dos desafios para aqueles que acreditam e defendem a condição pós-moderna está justamente em definir o que é a pós-modernidade e que valores presentes nela diferem radicalmente dos da modernidade. Muitos dos intelectuais que tentam fazer isso partem dos pensamentos filosóficos de Friedrich **Nietzsche** e **Martin Heidegger**.

Um dos primeiros pensadores a desenvolver uma teoria abrangente e coerente sobre a pós-modernidade foi o filósofo francês **Jean-François Lyotard** com o seu livro "*A condição pós-moderna*", lançado em 1979. Outros pensadores associados à ideia de pós-moderno são **Michel Foucault**, **Jacques Derrida** e **Jean Baudrillard**.

Para o intelectual marxista **Fredric Jameson**, o pós-modernismo representa uma nova fase do capitalismo, em que uma série de transformações tecnológicas impactou na ascensão de novas formas de relação de consumo e de movimentações do capital financeiro. Já o filósofo **Gilles Lipovetsky** acredita que, em vez de pós-modernidade, o que estamos vivenciando é justamente uma exacerbação dos valores da Era Moderna. A esse fenômeno ele deu o nome de "**hipermodernidade**".

Apesar das discordâncias em relação ao advento ou não da pós-modernidade, o que é amplamente aceito pelos estudiosos é que desde a segunda metade do século XX está em curso uma série de transformações culturais numa velocidade e num grau nunca antes vivenciados pelo homem. Mas, mesmo entre os defensores da ideia pós-modernista, as tentativas de definir o que seria essa nova etapa da história da humanidade encontram inúmeras dificuldades e limitações. Para muitos estudiosos é possível falar de um pós-modernismo apenas nas artes, enquanto para outros ele seria tão abrangente que implicaria até numa mudança de nossa percepção temporal.

Entre as características do chamado pensamento pós-moderno está o **irracionalismo**, o **antifundacionismo** (a impossibilidade de se fundamentar a filosofia em um princípio universal) e o **relativismo**.

Leituras

A respeito do pós-modernismo, o livro de **David Harvey**, *A condição pós-moderna* (Editora Loyola) traz um panorama que passa pelas artes, filosofia e economia. Boa parte da obra de **Nietzsche** foi publicada em português. *Obras incompletas*, da coleção *Os Pensadores* (Abril Cultural) é uma boa introdução aos textos do filósofo. Entre os comentadores, **Scarlett Marton** é a mais indicada, com vários livros, entre eles *Nietzsche: a Transvaloração dos valores* (Editora Moderna). Leia também *Nietzsche – Individualismo e vontade de poder*.

Zygmunt Bauman – seu pensamento sociológico e as implicações da pós-modernidade

Pensar no tipo de sociedade que temos hoje não é uma tarefa tão simples. Temos uma vida marcada por uma dinâmica cada vez maior, com a facilidade de comunicações trazida com o avanço da tecnologia e da informação.

As relações sociais são cada vez mais influenciadas pela ideologia capitalista, com ênfase no consumo, no individualismo e na busca do lucro fácil. É nesse contexto que o **sociólogo polonês Zygmunt Bauman** desenvolve sua análise, a partir da **noção de liquidez**.

As principais ideias desse teórico giram a partir do conceito “liquidez”. O autor situa-se entre os teóricos da pós-modernidade, opondo-se à análise totalitária da história e chamando-nos a atenção para os desafios advindos com o modelo de sociedade com base no consumo.

Zygmunt Bauman (1925-2017), iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de Sociologia geral. Teve artigos e livros censurados e em 1968 foi afastado da universidade. Logo em seguida emigrou da Polônia, reconstruindo sua carreira no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até chegar à Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular de Sociologia da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Responsável por uma prodigiosa produção intelectual recebeu os prêmios Amalfi, em 1989 (por sua obra **Modernidade e holocausto**), e **Adorno**, em 1998. Entre as principais obras encontram-se: *Modernidade e holocausto*, *O mal-estar da pós-modernidade*; *Modernidade e ambivalência*; *Globalização: as consequências humanas*; *Modernidade líquida* e *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*.

Noção de liquidez

Seguindo a linha da discussão sobre a modernidade, encontramos em Bauman (2001) a noção de liquidez. Essa noção implica perceber a sociedade baseada em processos e relações sociais fluidos. Significa que, com a dinâmica gerada pela industrialização, pela globalização e pelo consumismo, as pessoas, organizações ou grupos sociais passam a adotar uma conduta sempre mutável, de acordo com as novas demandas da sociedade e, conseqüentemente, novas configurações.

Se você refletir sobre a sua vida, as relações sociais com que você está envolvido(a): a família, as pessoas no trabalho, alguma religião, os amigos, as pessoas de sua escola, entre outros, verá que durante boa parte do seu tempo você age em função da sociedade. Além do mais, perceba que a tendência da maioria das pessoas é buscar a melhor forma de resolver suas necessidades, seus conflitos e alcançar seus objetivos, a partir do que se apresenta mais “encantador” ou interessante.

A partir das ideias de Bauman, nesse contexto, a vida, em muitos casos, passa a ser ditada pelos sistemas ou elementos mais influentes e poderosos economicamente. Em outras palavras, as pessoas, em geral, seguem valores, ideologia e noções disseminadas pelos meios de comunicação de massa. Desta feita, não é por acaso que as propagandas de um corpo perfeito, de um carro de luxo, da roupa da moda, entre outras, são fundamentadas no potencial e na noção de que cada um deve ser o melhor, o mais elegante, o mais famoso e interessante. O melhor, por sua vez,

é aquilo que é passado pelos meios de comunicação, por meio de filmes, novelas, programas de entretenimento, além das diversas peças publicitárias.

Bauman critica a visão totalitária da história quando afirma que, ao entrarmos no mundo da modernidade fluida, devemos abandonar toda esperança de totalidade, tanto futura como passada. A ideia de totalidade diz respeito à percepção de que na vida as coisas são sempre as mesmas, sólidas ao longo do tempo, o que permite ter uma forma de controle sobre os indivíduos de maneira eficiente.

Nas sociedades não industrializadas, quase tudo acontece de maneira muito simples e natural e não há uma cobrança de que você tem que ser sempre o melhor; não há uma vida baseada no mercado, pois não há espaço nem necessidades para tanto. À medida que a sociedade vai se industrializando, o mercado vai tomando cada vez mais espaço na vida das pessoas, de maneira a influenciar as relações e comportamentos sociais.

A relação consumista que se estabelece neste momento do capitalismo é ampla e atinge toda subjetividade humana, a crença de que podemos comprar tudo. Tendo a imagem como um valor, busca-se adquirir um corpo perfeito, assim como um carro e a possibilidade de viajar embora não se saiba os fins, em lugar da certeza tradicional de não saber os meios.

A compulsão no consumo exacerbado é criada pelo apelo dos meios de comunicação que atingem o desejo por meio da sedução, gerando um vazio e a sensação de nunca estar satisfeito. Nesse tipo de sociedade, o homem deve estar sempre se suprindo das necessidades que o mercado lhe impõe. Comprar transforma-se num ritual de exorcismo, estabelecendo então uma relação viciosa de busca constante e fluida dos valores e comportamentos.

Na concepção de Bauman, em razão dessa dinâmica proporcionada pelas necessidades do mercado, principalmente pelo consumismo, a ideia de comunidade também sofre alterações. Já não se fala em comunidade no sentido de totalidade e de permanência ou de relações duradouras.

De agora em diante, as comunidades podem ser entendidas apenas como artefatos efêmeros da peça da individualidade em curso, e não mais as forças determinantes e definidoras das identidades. Se você tomar como exemplo um condomínio, as comunidades virtuais que você encontra na Internet, os grupos que se encontram para as noitadas, entre outros, logo se percebem que essa leitura baumanina é bastante atual.

Diante das contradições e ambiguidades que perpassam nosso cotidiano como marcas da sociedade atual, que valores podemos escolher para ter uma vida saudável? Quais as instituições mais seguras para contribuir na socialização das crianças? São questionamentos que estão cada vez mais presentes nas conversas entre as pessoas e demonstram a complexidade na qual estamos inseridos. Para Bauman (2000), nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar ou deixa que essa arte caia em desuso pode esperar encontrar respostas para os problemas que a aflige.

Sem dúvida, nesse tipo de sociedade, onde tudo flui, um dos graves problemas é a perda da capacidade de questionar. Se levarmos em conta que as instituições no capitalismo contribuem precariamente para a formação crítica, salvo algumas exceções, percebe-se o quanto é grave tal situação.

A globalização para Bauman

O fenômeno da globalização é também analisado por Bauman como algo inexorável e marcado por contradições e conflitos. Para esse autor, a proximidade das nações, favorecidas pela tecnologia e pelos sistemas de informação, não tem resolvido os problemas sociais. Muito pelo contrário, é cada vez mais grave a exclusão social e os problemas como: violência, desemprego, fome, narcotráfico, entre outros.

Em sua obra *Vidas desperdiçadas*, Bauman (2005) traça um perfil de uma sociedade baseada no consumo, na qual as grandes empresas determinam o comportamento das pessoas, somente quem tem mais é quem mais ganha e é cada vez maior o número de indivíduos marginalizados e excluídos.

Sobre a Política

Na visão de Bauman, a política se apresenta como algo sem sentido, em uma sociedade em que vale o consumo e o individualismo. No caso da política, esse autor afirma que “o liberalismo reduziu-se ao credo de que não há alternativa e a esquerda vem se curvando progressivamente a ele. Isso ameaça a sobrevivência da política como ação coletiva e promove o conformismo em larga escala”.

Como é cada vez mais acentuado o individualismo em uma sociedade líquida, a política surge como mais uma oportunidade para alcançar benefícios pessoais, em detrimento do coletivo.

Sociedade pós-moderna

Para muitos estudiosos, a pós-modernidade pode ser considerada a partir do período que compreende o final da década de 1980 e início de 1990, pelas grandes transformações que marcaram esse momento recente da história da humanidade.

A Queda do Muro de Berlim pode ser entendida como um marco histórico e simbólico: compreende o final da União Soviética e o início de uma nova ordem mundial. Um tempo em que o capitalismo não enfrenta mais o poder de outra nação em termos mundiais. Sua hegemonia consolida-se com a política neoliberal e a globalização da economia, pelo desenvolvimento da informática (principalmente a Internet) facilitadora desse processo.

Não é de se estranhar que as interpretações realizadas nesse sentido apontem para uma diversidade de conceitos que demonstram ainda não haver teorias completas e consolidadas, já que se trata de uma realidade cujos atores estão em franco processo de construção.

A globalização trouxe-nos uma perspectiva de inter-relações impensadas até algum tempo atrás, nos costumes, cultura, educação, comunicações, ecologia, política e, principalmente, na economia. O capital não mais se encontra concentrado num mesmo espaço: centralizado nas grandes corporações e nas agências internacionais financeiras, está entranhado em todos os países, ditando as regras e as normas para aplicação de recursos e determinando as ações dos governantes em relação à política econômica e social.

O neoliberalismo estimula ideologicamente o individualismo e o consumismo, utilizando sistematicamente os meios de comunicação. O McDonalds, a Texaco, por exemplo, e outras grandes marcas, estão presentes em praticamente todos os lugares, delineando assim o que se pode chamar de aldeia global.

A globalização econômica internacionaliza o capital e os bens de consumo, estimula o consumismo e, ao mesmo tempo, aumenta a exclusão social de grande parte da população mundial, no interior dos países e em determinadas regiões do planeta, como África, América Latina, alguns países da Ásia.

A sociedade virtual

O termo sociedade virtual se refere ao modo como as pessoas, grupos e organizações se apresentam na sociedade atual, tendo em vista as facilidades trazidas pelo computador, a Internet e toda forma de comunicação, como celular, fax, entre outras. Tem se tornado cada vez mais comum, diversas formas de relações sociais a partir do uso do computador, especialmente pela Internet, o que favorece inclusive a interatividade em tempo real.

Você pode acompanhar, por exemplo, os conflitos entre os Estados Unidos com países que estão sob o domínio de grupos radicais islâmicos, os conflitos entre Israel e Palestina, entre outros, por intermédio de repórteres que se colocaram na zona do conflito e captaram imagens que foram levadas ao ar em tempo real na TV e também na Internet. Algumas imagens só são possíveis via Internet, na qual não ocorrem os controles das informações.

É cada vez mais comum, também, os namoros pelo computador, além de propostas de casamento ou até mesmo o sexo virtual. Com uma *webcam* instalada em seu computador, você pode enviar imagens para alguém com quem você esteja conectado.

Na educação já existem diversos cursos à distância, como esse que você está fazendo, além de cursos de pós-graduação. Na Internet existe uma variedade de comunidades virtuais, como o Facebook, Instagram, grupos de estudos etc. Encontramos comunidades e programas tanto de caráter positivo como negativo. Esse último é o mais preocupante, uma vez que atenta contra qualquer cidadão. Não são poucos os *sites* com conteúdo preconceituoso em relação ao negro, ao índio, aos imigrantes, às mulheres, aos gays, entre outros.

A questão da pobreza

A pobreza tem sido constantemente objeto de discussões infundas entre políticos, cientistas sociais, religiosos e de uma variedade de movimentos sociais. O fenômeno da pobreza não deve ser analisado como algo natural, conforme fazem os positivistas e as abordagens sociológicas derivadas dessa corrente.

A pós-modernidade, embora tenha facilitado a vida em determinados aspectos, mantém o mesmo mecanismo de exclusão social, beneficiando somente uns poucos que já possuem mais do que o suficiente. Enquanto isso, os países desenvolvidos se beneficiam da miséria que se faz presente em grande parte do globo terrestre. É alarmante o contraste entre o acúmulo de bens produzidos, aos quais os indivíduos aspiram, e o número de seres que tem pouca ou nenhuma possibilidade de acesso a tais bens. Esse estado de carência e pobreza é agravado por toda ideologia da sociedade industrial capitalista, baseada num desenfreado apelo ao consumismo, ao desfrute do conforto, do bem-estar e da sofisticação proporcionados pela vida moderna.

A violência

Nas cidades, especialmente nas grandes metrópoles, a violência se tornou lugar comum. O medo de sair de casa e ser assaltado ou sofrer qualquer tipo de violência tem sido frequente. Diante dessa realidade, o que fazer? Qual o papel do Estado perante isso? Como as pessoas se protegem ou procuram segurança?

Na visão de Bauman, os vários problemas sociais, como a falta de segurança, são cada vez mais frequentes em função do individualismo exacerbado. As coletividades perderam o sentido e a organização para reagirem com precisão aos problemas sociais. As respostas surgem como mais uma proposta individualista, como criar fortalezas individuais; casas com seguranças, grades, cercas elétricas, alarmes, entre outros recursos não são suficientes, quando o problema é estrutural e alimentado por uma visão mercantilista e de consumo.

Entre os principais tipos de violência perpetrados destacam-se crime organizado (narcotráfico, tráfico de mulheres e crianças), o terrorismo, a violência contra a mulher – independente de classe social. No Brasil, por exemplo, na área rural, a principal forma de violência consiste na concentração de terras por parte de poucos, o sistema de grilagem, a pistolagem.

Estudos de Sociologia da violência demonstram que não existe na sociedade humana uma violência instintiva como entre os animais. Também não existe uma noção absoluta de violência. Existem violências, sob formas diversas, em diferentes circunstâncias. Há a violência institucionalizada oficial, praticada pela polícia, pelo Estado; a violência internacional entre dois mundos em conflito; a violência não oficial, mas também organizada, entre bandos armados que se defrontam pelo domínio de atividades ilegais (drogas, jogos etc.), ou pelo domínio de terras como os bandos de jagunços dos proprietários rurais; a violência como explosão de movimentos de massa, como os linchamentos; a violência resultante do preconceito contra mulheres, negros, homossexuais, sob a forma individual ou organizada, a exemplo da Ku Klux Klan, organização direitista e racista norte-americana.

Diante de tal realidade, não se pode pensar e agir egoisticamente, tentando resolver um problema que é de todos e que denuncia a necessidade de um Estado mais próximo do cidadão, que garanta melhores condições de vida e de dignidade para todos.

O desemprego

O desemprego é um dos itens mais citados, quando se refere aos principais problemas da vida atual. Com base nas políticas neoliberais, as empresas introduzem recursos tecnológicos de última geração como a robótica, para produção de bens duráveis e de consumo. Em consequência, há redução ou exclusão de tipos de trabalhos até então vigentes. Nesta fase pós-moderna que vivemos, compreendida como transição para onde não sabemos ainda, ocorre uma recomposição da mão de obra, com exigência de novos perfis profissionais no mercado, sem uma política definida de qualificação. As empresas também reduzem as garantias contratuais de trabalho, por meio da terceirização como prestação de serviços.

As desigualdades sociais e seu recrudescimento

Embora o capitalismo e a globalização se façam cada vez mais fortes, especialmente com as facilidades trazidas pelo avanço das tecnologias e da informática, a questão das desigualdades sociais não tem sido resolvida. Ao contrário disso, o fosso entre ricos e pobres só tem aumentado.

Os países ricos continuam sempre mais ricos, em detrimento da maioria dos países mais pobres, que ficam cada vez mais pobres. Observa-se que as riquezas produzidas mundialmente não são socializadas. As políticas econômicas adotadas nos diversos países do terceiro mundo, por exemplo, não apresentam a preocupação em diminuir as desigualdades e a exclusão social.

Os países mais pobres do planeta são, em geral, pobres devido aos processos históricos marcados por colonizações, pilhagem e preconceitos entre colonizadores e colonizados. Países da África, Ásia e América Latina são as principais vítimas.

O pensamento de Bauman tem sua importância para analisar a sociedade pós-moderna pela forma como conduz sua linha de raciocínio de forma leve e coerente. O conceito de modernidade líquida é significativo, mostrando-nos como a atualidade apresenta-se fluida, de forma que as relações sociais são cada vez mais fragmentadas. Um exemplo concreto dessa fluidez é demonstrado quando as relações sociais se estabelecem em função do consumo.

Obra comentada

A sociologia, segundo Bauman, pode nos fornecer elementos para compreender os processos que moldaram nossa existência e esta sociedade na qual a individualização se tornou uma determinação. Só podemos enfrentá-la, agindo, coletivamente.

Já em 1976 (traduzido, em 1997, em português), Bauman, na obra *Por uma Sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação*, expõe a forma de uma Sociologia, baseada na razão emancipatória. Defende a validade do senso comum e a verdade de uma teoria que resolvam transcender as limitações das provas fornecidas pelo senso comum. **Uma Sociologia crítica visa à libertação humana e contesta os pressupostos e as rotinas da vida cotidiana.** Procura-se criar condições para que toda ação humana seja guiada pela razão. Esta emancipação da razão se estabelece de acordo com um princípio geral: a libertação do homem só pode ser promovida em condições de liberdade.

Em *Aprendendo a pensar com a Sociologia* (em português, 2010), Bauman aborda aspectos aparentemente comuns da vida como amor, trabalho, lazer, consumo, religião, enfrentados de maneira inovadora. Temos de aprender a respeitar aquilo que toda sociedade deve garantir para sobreviver: o direito que cada um de seus integrantes tem de escolher as formas de viver, conforme suas preferências.

A edição original publicada nos Estados Unidos, em 1990, foi revista e acrescentaram-se temas atuais como corpo, intimidade, tempo, espaço, desordem, risco, globalização, identidade e novas tecnologias.

Talvez, o mais conhecido livro de Bauman seja *Modernidade líquida* (em português, 2001), pelos conceitos amplamente difundidos de **liquidez e fluidez**, em **contraponto a sólido e pesado**, que aplicou à sociedade pós-moderna. Aliás, **prefere os termos modernidade líquida a pós-modernidade.**

Bauman diferencia a sociologia pós-moderna do termo que utiliza (sobretudo no início de suas publicações) que é a sociologia da pós-modernidade. O termo “pós-modernidade” é compreendido nas obras de Bauman, como o tipo de condição humana da sociedade atual; não se refere à visão de mundo construída na era pós-moderna, por pós-modernistas, o que ele afirma não ser.

Pela confusão semântica que o termo traz, Bauman começa a evitar o termo em suas obras e passa a utilizar a metáfora da “liquidez” para expressar o que compreende dos tempos atuais de mudança em contraposição à “modernidade sólida”.

São célebres suas palavras escritas no Prefácio da obra *Modernidade Líquida*: “(...) os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos, não têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma ou estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim para eles o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar”.

BAUMAN, 2001, p. 8.

Uma modernidade leve e dinâmica. Essa transformação afetou toda a humanidade. A temática abordada é uma tentativa de compreender quais as consequências da vida líquida e com o tempo fluido, a lógica dos indivíduos no seu cotidiano.

Nesse livro, Bauman analisa cinco conceitos que lhe são caros e organizam a vida humana, quando compartilhada: emancipação, individualidade, tempo/espaço, trabalho e comunidade.

Não resumiremos agora essas análises, porque elas reaparecerão, de um modo ou de outro, junto com outros conceitos.

Modernidade líquida complementa e conclui a análise realizada em dois livros anteriores: *Globalização: as consequências humanas* (em português, 1999), e *Em busca da Política*, (em português, 2000).

A modernidade líquida é um momento em que a sociabilidade humana experimenta transformação nos seguintes processos:

- a metamorfose do cidadão (como sujeito de direitos e deveres), em indivíduo em busca de afirmação no espaço social;
- a passagem de estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e competição;
- o enfraquecimento de sistemas de proteção estatal às intempéries da vida, gerando um permanente ambiente de incerteza;
- a colocação da responsabilidade por eventuais fracassos, no plano individual;
- o fim do planejamento a longo prazo;
- o divórcio e a iminente apartação total entre poder e política.

No mundo moderno, a metáfora da humanidade é a do jardineiro. A ordem do mundo depende do contínuo esforço de cada um. Os jardineiros sabem que tipos de planta cultivar e que tipo extirpar. Os jardineiros produzem utopias. O caçador não. Ele esvazia as florestas e não é preocupação sua que o planeta esgote suas reservas. São individualistas e só pensam em si, em

suas ambições. As forças da globalização, que substituem as nações, favorecem os caçadores.

A caça se transformou em compulsão, dependência e obsessão; se o indivíduo não quiser afundar, tem de continuar surfando, isto é, mudar o guarda-roupa, o mobiliário, o papel de parede, o olhar, os hábitos, a percepção do mundo. Nada de ontem.

Bauman, porém, acredita no potencial humano para que um outro mundo seja possível. É preciso desconstruir, desmistificar, desacreditar os falsos valores dominantes e suas estratégias, mostrando que em vez de assegurarem uma sociedade de vida superior, constituem um obstáculo para a construção possível de uma nova realidade social.

Cult, p. 37-41, nº 4, janeiro 2012, ano 15.

Em 1997 (em inglês), Bauman publicou *O mal-estar da pós-modernidade*, 67 anos após a obra *O mal-estar na civilização*, de Freud, publicada em 1930, em Viena, com o título *A infelicidade na cultura* e depois de outros títulos em alemão e inglês, consagrado, em português como *O mal-estar na civilização*. Bauman, comentando o pensamento de Freud nessa obra, diz: “Cultura, civilização e modernidade eram para Freud beleza, limpeza e ordem”. A civilização é aprendida e se constrói sobre uma renúncia ao instinto. A civilização impõe grandes sacrifícios à sexualidade e à agressividade do homem. Os prazeres da vida civilizada vêm num pacote fechado com sofrimentos, a satisfação com o mal-estar, a submissão com a rebelião. O princípio do prazer está reduzido à medida do princípio de realidade. O homem moderno civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança.

Freud falou em termos de compulsão, regulação, supressão ou renúncia forçada. Esses mal-estares resultaram do excesso de ordem e sua inseparável companheira – a escassez da liberdade.

A hora moderna é a da desregulamentação. A liberdade individual reina soberana: é o valor pelo qual todos os outros valores vieram a ser avaliados. Não que os valores da beleza, limpeza e ordem tenham sido abandonados. Segundo Bauman, devem ser realizados por meio da espontaneidade, do desejo e do esforço individuais. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer, que tolera uma segurança individual pequena demais. A reavaliação dos valores é um momento feliz, estimulante, mas os valores reavaliados não garantem necessariamente um estado de satisfação.

Cf. Bauman, 1998, *Introdução*.

Livro lançado em português no ano de 2008: *O medo líquido*. Roosevelt dizia em seu Discurso de posse, em 1933, que a única coisa que devemos temer é o próprio medo. *D. Quixote*, no século XVII, disse que “O medo tem muitos olhos e enxerga avisos no subterrâneo”.

Hoje, vivemos em carros blindados com vidros escurecidos, passeamos em Shopping Centers, nossas casas têm cercas elétricas, alarmes ou são condomínios fechados, tememos as grandes cidades e até as pequenas, e nos lazeres ou no aconchego das moradias sofremos o medo das enchentes, dos *tsunamis*, dos terremotos, do terrorismo, da perda do emprego, do amor, de sermos excluídos.

Não temos mais o controle de nada, nem sequer pelo uso das tecnologias avançadas, da economia globalizada. Haverá mecanismos ou estratégias que afastem o medo de nossas vidas?

Bauman afirma que a menos que seja controlada e domada, nossa globalização negativa, alternando-se entre privar os livres de sua segurança e oferecer segurança na forma de não liberdade, torna a catástrofe inescapável.

O século vindouro pode muito bem ser a época da derradeira catástrofe. Mas pode ser o tempo de um novo pacto entre os intelectuais e o povo, ou a humanidade, em seu conjunto. A escolha talvez ainda nos pertença.

Cf. Bauman, 2008, p. 229.

A *Vida líquida*, de 2005, publicada em português em 2007, retoma o tema da fluidez como característica da sociedade contemporânea.

A vida líquida caracteriza uma sociedade efêmera, em que o capitalismo provoca o consumismo e, por consequência, a incerteza, o desapego, o eterno recomeço da posse, que nunca se satisfaz e impossibilita o amor e a fidelidade. Como é preciso livrar-se sempre do que é passado, cria-se um ritmo destrutivo, o medo de ser excluído, a preocupação em relação às mudanças, o terror de não acompanhar a fluidez, de se tornar lixo humano.

Anda-se sobre a areia movediça, em que nada se solidifica. Tornar-se impossível aprender com a experiência do passado, ou fazer prognósticos.

Esquecer, apagar, desistir e substituir são verbos dinâmicos, na vida líquida. Destruição criativa é um lema da vida contemporânea.

É claro que a insegurança, como já foi dito, é a marca fundamental da vida líquida. Nos *Tempos líquidos* (em 2007), ninguém se sente seguro, nas grandes cidades, local de aprisionamento e ansiedades. Os laços afetivos não permanecem, na era consumista. As relações são fluidas, flexíveis, são como redes. Tecidas ou deletadas, a qualquer momento. Os contatos podem ser até virtuais. Os vínculos desapareceram e só é possível conectar-se, sem nenhuma permanência.



Como os cenários mudam rapidamente, as conexões se desfazem, ao mover de um dedo. Os desejos se tornam conflitantes, entre a fragilidade dos vínculos e o de apertar os laços.

O herói do livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004) é o relacionamento humano. Explora o dilema das relações humanas entre precisar de outra pessoa, ser em relação, e o medo de desenvolver relacionamentos mais profundos que imobilizem.

O Amor é assunto central e o autor distingue o que chama de verdadeiro amor, do que no mundo atual, banalizou o termo. Uma noite esporádica de relação sexual pode ser dita de “fazer amor” ou pessoas que se gabam por amar hoje e não amar mais o outro no dia seguinte, ou ainda gabar-se por não amar e só criar relacionamentos como “ficar” ou “temporariamente estar junto” sem compromisso, como vitória do homem sobre o amor.

A experiência do Amor é comparada com a experiência da morte, no texto do Bauman, como eventos únicos na vida e que não se pode aprender a tê-los, mas se vive com toda a intensidade.

No mundo líquido moderno, carregado de ambivalências, a opção ou a coragem e liberdade para se dedicar à experiência de amar outra pessoa e assim correr o risco de perder-se (compreendendo que o ser humano vem se configurando por ser individualista) neste amor e ter que reconfigurar-se (hábitos, costumes, opções de consumo, capacidade de crédito) abrindo mão de tão valorizadas (pela sociedade) aquisições.

São generalizados, na sociedade líquida consumista, o culto ao prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados como a experiência de amor

que só pode ser satisfeita com a satisfação do outro, com cumplicidade e parceria.

Por fim, Bauman expõe que “sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos.” (2004, p. 22).

Neste contexto, ressalta a incapacidade existente de acolher um estranho ou um estrangeiro.

Existe uma enorme dificuldade, senão uma impossibilidade de amar o próximo, o outro. Aliás, nesse mundo fragmentado, estilizado, como focaliza Bauman em *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*, o outro não existe ou só existe como ameaça, como perigo, como risco.

Nesse livro, reúnem-se oito ensaios: identidade, inospitalidade, peregrinação e errância, pânico, violência, racismo, antissemitismo, modernização da crueldade, função dos intelectuais na política e construção de uma moral incondicional e irrestrita não baseada no contrato.

Nesse mundo fragmentado, a atenção já não existe, sobretudo a atenção ao outro.

Em *Ética pós-moderna* (1997, em português) **questiona-se se estamos assistindo à morte da ética.** Será que a ética, no tempo pós-moderno, está sendo substituída pela estética?

Para Bauman, os grandes temas da ética não perderam sua força. Devem, porém, ser revistos e renovados. Sem ilusões, sem falsa consciência, sem objetivos irrealizáveis.

Bauman escreve, com enorme rapidez e notável habilidade em organizar muitos dos problemas e questões do presente. Desempenha, portanto, o papel de tradutor. Sintetiza o que está se passando e o que é importante e o apresenta aos pensadores sociais, de modo a que possam proceder aos debates, por si mesmos. Traduz o mundo, em textos. É um ensaísta, não um construtor de sistemas.

Cf. TESTER. In: *Bauman sobre Bauman*, 2011, p. 214.

É um sociólogo, pois **acredita que a sociologia é mais capaz de captar e abraçar a totalidade da experiência humana que qualquer outra disciplina.** Porém, acredita que as fronteiras entre as disciplinas devam ser tratadas com suspeita e até ignoradas, na busca de um conhecimento mais abrangente e relevante do mundo social. Faz sociologia, sob o signo do ecletismo e da universalidade. Não se trata de um ecletismo de autossatisfação e auto exaltação. Só um ecletismo necessário, porque a vida humana é ela própria fundamentalmente abrangente, diversificada e impossível de apreender, sob uma única classificação. Portanto, uma sociologia sem limites definidos.

Em sua sociologia, Bauman tenta mostrar que o mundo não tem de ser desta maneira, que há uma alternativa àquilo que correntemente parece tão natural, tão óbvio, tão inevitável. Duas influências se destacam no desenvolvimento do pensamento social do sociólogo polonês: o marxismo pós-leninista de Gramsci e a sociologia de Simmel.

Gramsci mostrou-lhe que homens e mulheres não são objetos inconscientes de estruturas sociais, que tudo determinam; ou seres mobilizados apenas em reação aos estímulos externos. **Gramsci mostrou-lhe que somos dotados da habilidade e do poder de construir o mundo. Chegou à compreensão da cultura como uma faca que pressiona o futuro.**

Gramsci superou o comunismo oficial de estilo soviético como algo a ser abordado criticamente e sob suspeita, pois atribuía ao Partido ou a alguma abstração chamada proletariado ou necessidade histórica, a construção da História.

Simmel apontou a Bauman como observar o mundo atual sem alternativas e sem eliminar-lhe as ambivalências.

Ambivalência e incerteza são a essência da vida social. A sociologia tem de lidar com isso. Ao contrário de muitos pensadores sociais, Bauman não acha que questões de moral possam ser reduzidas a gostos pessoais, a caprichos temporários, a posições e experiências de grupos específicos ou a procedimentos metodológicos. A moral refere-se ao compromisso com o outro, ao longo dos tempos.

A moral é a questão humana fundamental. O pensamento social é indivisivelmente moral e, por isso, diz respeito à humanidade, com a qual Bauman está comprometido. O compromisso com a humanidade exige um compromisso com o *self*, a virtude da dedicação, coragem, coerência e lealdade para com os valores humanos.

A *Ética pós-moderna* é um dos livros mais densos de Bauman, cujas reflexões fundamentam muitos de seus conceitos posteriores e desenvolvem outros esboçados em *Vida em fragmentos*, de 1995.

A hipótese do estudo de Bauman é que o significado da pós-modernidade repousa precisamente na oportunidade que oferece ao sociólogo crítico de inquirir com uma capacidade maior do que antes. A perspectiva pós-moderna significa, sobretudo, o rasgamento da máscara das ilusões, o reconhecimento de certas pretensões como falsas e de certos objetivos como inatingíveis, e assim mesmo, desejáveis. As fontes do poder moral podem tornar-se visíveis e as oportunidades de moralização da vida social podem ser reforçadas. Resta ver se o tempo da pós-modernidade passará para a história como crepúsculo ou como renascimento da moralidade.

Os grandes temas da ética: direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre cooperação pacífica e autoafirmação pessoal, sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo, não perderam nada de sua atualidade. Precisam é ser tratados de maneira nova.

Nossa nova época caracteriza-se, segundo Bauman, por um reencantamento do mundo, devolvendo dignidade às emoções e legitimidade ao inexplicável.

O reencantamento pós-moderno do mundo traz a oportunidade de apagar a memória da difamação da capacidade moral humana. Não que o mundo se torne necessariamente melhor ou mais habitável. Mas podemos começar e ter a esperança de um mundo mais realista.

Tirar a moralidade da couraça rígida dos códigos significa repersonalizá-la.

Repersonalizar a moralidade significa fazer voltar a responsabilidade moral da linha do fim para o ponto de partida do processo ético.

A moralidade legislada pelo estado e as pressões morais difusas pelos porta-vozes automeados das comunidades, são unânimes num ponto: ambas negam ou pelo menos reduzem o juízo moral individual. Ambas lutam para colocarem o dever ético heterônomo no lugar da responsabilidade moral autônoma. Ambas visam a expropriar os indivíduos da escolha moral.

Bauman termina seu livro, reafirmando que do exame da situação da pessoa moral no mundo pós-moderno não emerge qualquer inventário claro de preceitos éticos nem outros arrimos de autoconfiança moral. Mas a frustração da incerteza é um ganho para a moralidade: permanecer pessoa moral.

Em *Modernidade e holocausto* (em português, 1998), o autor visa a esclarecer que o Holocausto não foi, de fato, só uma tragédia judaica. O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura.

BAUMAN, 1998, p. 12.

Esquecê-lo ou reduzi-lo somente a um crime horrendo, uma doença, é mais do que indiferença ofensiva às vítimas do genocídio, é um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida. Como foi possível tamanho horror? Como isso pode acontecer bem no coração da região mais civilizada do mundo?

BAUMAN, 1998, p. 13.

Modernidade e ambivalência (1999, em português), faz um esforço inovador a respeito das questões levantadas pelo debate modernidade/pós-modernidade. A modernidade não cumpriu suas promessas, diz Bauman. Estamos diante da ambivalência de todas as opções, identidades e projetos de vida.

A pós-modernidade seria uma época de reconciliação com a ambivalência, aprendendo a viver num mundo implacavelmente ambíguo. A ambivalência cria ansiedade, porque ela se estende à educação, à economia, à política, à tecnologia e à subjetividade.

No pequeno livro *Identidade* (em português, 2005), mais uma vez, Bauman abala nossas crenças fundamentais. Faz reflexões profundas sobre a própria identidade, pois é um estrangeiro na Inglaterra (embora naturalizado), já que lecionou durante 20 anos e lá vive, atualmente; além de responder às questões acerca das constituições identitárias no mundo líquido moderno.

No mundo líquido, o forte são as oportunidades que aparecem sem tempo e nem espaço definidos. Neste cenário, uma "identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo" (2005, p. 60) sem dúvida um limite a diversas opções que surgem no decorrer da vida. Seria como um fechamento da capacidade de abrir novas portas, uma inflexibilidade diante de um mundo ainda a ser descoberto. Atitude que na sociedade seria tida como ridícula e medrosa.

A comunidade é outra questão abordada e da mesma forma que a identidade coesa e com índice de estabilidade alto pode ser prejudicial àquele que deseja "aproveitar-se" das oportunidades que a vida oferece sem perceber outro lado. Não é uma análise valorativa da questão, mas uma resposta baseada nas quantidades de oportunidades que o mundo atual oferece.

As duas faces da *Comunidade* mostram a ambiguidade entre o que podemos amar e odiar, a segurança dos laços e de nós mesmos neste espaço ou / e a liberdade de não se ver na "prisão"; é sem dúvida uma escolha típica do mundo líquido moderno.

No livro *44 cartas do mundo líquido moderno* (2011) temos uma seleção de cartas que foram primeiramente escritas e publicadas pela revista italiana *La Repubblica dele Donne*, sobre temas atuais sob a ótica da modernidade líquida. Entre estes escritos, várias cartas são sobre a família, outras várias sobre

educação, ainda sobre a sociedade e algumas de temas esparsos como moda, saúde, cultura, pássaros etc.

O livro *Confiança e medo na cidade* (em português, 2009), insiste na tecla de que a arquitetura das grandes cidades se tornou defensiva e até agressiva.

Aqueles espaços, em que na sua origem, era possível conviver com o outro, o estranho, o estrangeiro, atrativo para a humanidade, para compartilhar experiências e conviver com o diferente, enriquecendo-se, tornaram-se espaço de medo e insegurança. Os estranhos são segregados; desclassificados como cidadãos da última fila. Recuperar o espaço público, que até o computador boicota, seria um recurso válido para um futuro melhor.

Em *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas* (em português, 2009), Bauman focaliza a individualização como traço fundamental da sociedade contemporânea. Temos de olhar para dentro de nós para encontrar nossas próprias potencialidades, nosso poder, pois a solidão é nossa partilha, já que não há líderes para orientar-nos. Estamos sempre nos culpando por nossas falhas e nossas fraquezas. A Sociologia pode nos ajudar a narrar nossas histórias de vida sem censuras ou correções.

Na obra *Em busca da política* (em português, 2000), Bauman reforça a mesma ideia: a liberdade individual só pode ser produto de trabalho coletivo, isto é, só pode ser garantida coletivamente.

Endereçar-se à privatização dos meios de assegurar esta liberdade está destinado a resultados negativos. Temos de praticar a arte de traduzir problemas pessoais em questões de ordem pública, se quisermos renovar a política.

Vidas desperdiçadas (em português, 2005) busca recuperar uma perspectiva humanista do social. Em nosso planeta, multidões de seres humanos não têm meios de sobreviver, em seus locais de origem. Multiplicam-se os chamados párias da modernidade, expulsos, inadaptados, marginalizados, lixo humano produzido pela sociedade de consumo. Não há espaço para fugir, não há futuro.

Em *A arte da vida* (em português, 1999), Bauman expõe, brilhantemente, as condições sob as quais escolhemos nossos projetos de vida, as limitações impostas a nossas escolhas, o entrelaçamento entre planejamento, casualidade e caráter, que moldam nossas escolhas. É claro que a modernidade líquida condiciona nossas construções e narrativas. Mais riqueza, mais poder significam felicidade? Não é isso, que indicam as pesquisas sobre o bem-estar subjetivo.

Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos (em português 2010) apresenta temas como crediários, hipotecas, crise na educação, superapologia da informação, efemeridade dos bens culturais, bulimia, anorexia, medo, brilhantemente relacionados com o conceito-chave de liquidez.

Bauman não é pessimista, como muitos julgam. Ele acredita na capacidade humana de elaborar alternativas para a construção de uma sociedade livre.

O livro *Legisladores e intérpretes* (em português, 2010), sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais, apresenta um prefácio à edição brasileira, em que pontua algumas ideias. O livro foi elaborado alguns anos antes de *Modernidade líquida*. A noção de pós-modernidade é usada para descrever a realidade social, que depois foi substituída por modernidade líquida. A pergunta principal do livro é: qual o papel dos intelectuais no mundo moderno?

Vida a crédito (em português, 2010) se constitui de conversas com a jornalista e pesquisadora mexicana Citlali

Rovirosa-Madrado. Bauman faz uma avaliação de eventos ocorridos nos últimos anos, sintomáticos do nosso tempo: sociedade de produtores versus sociedade de devedores; a crise financeira mundial de 2008-2009; produção de combustíveis versus fome; superpopulação e direitos humanos; o fundamentalismo religioso; indústria de cosméticos e preocupação com o corpo; engenharia genética e clonagem; utopia e distopia.

Bauman sobre Bauman (em português, 2011), tem também caráter autobiográfico. Abrange sua juventude na Polônia; os autores que o influenciaram; a importância da esposa Janina, em sua compreensão do Holocausto – os conceitos – chave para a leitura de seus textos.

Ensaio sobre o conceito de cultura (em português, 2012): este livro foi escrito há mais de três décadas e sua edição em português exige uma explicação, que se faz na Introdução, pelo próprio autor. Primeiro, é preciso descobrir o que o livro ainda tem de atual, que possa interessar a leitores mais jovens. No contexto do livro, Bauman faz uma revisão crítica do conceito de cultura, nas ciências sociais. Percorrendo um longo caminho, dos gregos antigos ao pós-estruturalismo, Zygmunt Bauman examina as principais correntes de pensamento que estudavam o significado da cultura, na sociedade.

Ao longo do livro, Bauman aborda temas como o significado do incesto, dos tabus, a marginalidade, o viscoso, uma apreciação do Positivismo, em seus aspectos positivos e negativos, a diferenciação entre indivíduos e grupos. Conclui esse instigante estudo com palavras de esperança e superação do momento presente.

Isto não é um diário (de 2012): os temas deste livro dizem respeito ao momento atual: à falta de perspectiva profissional dos jovens; à impiedosa perseguição aos ciganos na França; à bolha imobiliária americana; ao dilema eleitoral de Barack Obama; aos desmandos institucionais na Itália de Berlusconi; ao papel dos países emergentes na estratégia mundial de globalização; às propostas de regulamentação da Internet; ao fim do sonho americano; ao significado da palavra democracia nos movimentos que levaram à Primavera Árabe – e tantos outros.

Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria (em português, 2008) propõe três “tipos ideais”: o do consumismo, o da sociedade de consumidores e o da cultura consumista. Esses “tipos ideais” não são instantâneos nem imagens da realidade social, mas tentativas de construir modelos de seus elementos essenciais e de sua configuração destinados a tornar inteligíveis as evidências da experiência, que de outro modo pareciam caóticas e fragmentadas.

BAUMAN, 2008, p. 34.

Temas centrais deste livro são a invasão e a colonização da rede de relações humanas por padrões de conduta e visão do mundo inspirados e moldados pelo mercado. Os consumidores são também eles transformados em mercadoria. Consumo é algo trivial, que fazemos todos os dias.

Com Zygmunt Bauman se apagou uma das vozes mais críticas da sociedade contemporânea, individualista e desumana, que definiu como a “modernidade líquida”, aquela em que nada mais é sólido. Não é sólido o Estado-nação, nem a família, nem o emprego, nem o compromisso com a comunidade. E, hoje, “nossos acordos são temporários, passageiros, válidos apenas até novo aviso”. Essa voz soou lúcida até o fim de seus 91 anos.

Escrevia um, dois ou até três livros por ano, sozinho ou com outros pensadores, dava palestras e respondia aos jornalistas em entrevistas em que era preciso escolher muito bem as perguntas, porque as respostas se estendiam por vários minutos, como em uma sucessão de breves discursos. Esses sim, muito sólidos.

Perde-se um ícone. Eterniza-se um pensador. Espera-se que as contribuições de Bauman nunca sejam esquecidas e que suas obras influenciem positivamente milhões de pessoas.



Exercícios

01. (FGV/2007) “Blade Runner é uma parábola de ficção científica em que temas pós-modernos situados num contexto de acumulação flexível (...) são explorados com todo o poder de imaginação que o cinema pode mobilizar. O conflito ocorre entre pessoas que vivem em escalas de tempo distintas e que, como resultado, veem e vivem o mundo de maneira bem diferente.”

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1999.

Sobre a pós-modernidade é correto afirmar:

- A) Pós-modernidade se refere às condições socioeconômicas e culturais do capitalismo pós-industrial, que acentuam o individualismo, o consumismo e promovem a compressão do espaço e do tempo.
 - B) Enquanto movimento estético, o termo denota um compromisso de resgate do pensamento iluminista e de princípios funcionais rígidos sobre o uso do tempo.
 - C) Pós-modernidade se refere à era da produção fordista, que aumentou a velocidade da produção das mercadorias, graças à implantação da linha de montagem, produção em série e do consumo de massa.
 - D) A pós-modernidade chega ao Brasil no esteio da política de industrialização baseada na substituição de importações, redirecionando a concepção tradicional do sistema produtivo e do uso do tempo.
 - E) O movimento que dá início à pós-modernidade se apoia na defesa dos princípios tayloristas de produção, com base no planejamento e divisão flexível do trabalho.
02. (Uema/2015) Gilberto Cotrim (2006, p. 212), ao tratar da pós-modernidade, comenta as ideias de Michel Foucault, nas quais “[...] as sociedades modernas apresentam uma nova organização do poder que se desenvolveu a partir do século XVIII. Nessa nova organização, o poder não se concentra apenas no setor político e nas suas formas de repressão, pois está disseminado pelos vários âmbitos da vida social [...] [e] o poder fragmentou-se em micropoderes e tornou-se muito mais eficaz. Assim, em vez de se deter apenas no macropoder concentrado no Estado, [os] micropoderes se espalham pelas mais diversas instituições da vida social. Isto é, os poderes exercidos por uma rede imensa de pessoas, por exemplo: os pais, os porteiros, os enfermeiros, os professores, as secretárias, os guardas, os fiscais etc.”

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos da Filosofia: história e grandes temas*. São Paulo: Saraiva, 2006. (Adaptado)

Pelo exposto por Gilberto Cotrim sobre as ideias de Foucault, a principal função dos micropoderes no corpo social é interiorizar e fazer cumprir

- A) o ideal de igualdade entre os homens.
- B) o total direito político de acordo com as etnias.
- C) as normas estabelecidas pela disciplina social.
- D) a repressão exercida pelos menos instruídos.
- E) o ideal de liberdade individual.

03. (UCAM/2017.2) O sociólogo polonês Zygmunt Bauman discorre sobre as relações humanas em tempos atuais. A “vida líquida” e a “modernidade líquida” estão intimamente ligadas. A “vida líquida” é uma forma de vida que tende a ser levada adiante numa sociedade líquido-moderna. “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”.

BAUMAN, 2009, p. 7.

As mudanças a que se refere Bauman são causadas por diversos fatores, entre os quais a tecnologia e seus recursos. Abaixo encontram-se manchetes de periódicos jornalísticos. Assinale aquela que revela um **efeito positivo** da relação supramencionada.

- A) “Instagram é a pior rede para a saúde mental dos adolescentes – Estudo britânico atribui a pior nota ao aplicativo por sua capacidade de gerar ansiedade entre os jovens” (*El País* – maio de 2017).
- B) “Mãe de adolescente autista e estudantes de informática criam jogo para ensinar matemática – Alternativa foi pensada para unir tecnologia e educação e sobrepor dificuldades de aprendizado do filho. Jogo deve ser distribuído para outras escolas.” (*G1* – maio de 2017).
- C) “Novas tecnologias? Brasil corre o risco de se tornar irrelevante – Num estudo que avalia o grau de inovação de 140 nações, o Brasil ocupa a 69ª posição, atrás de todas as grandes economias emergentes.” (*Exame* – maio de 2017).
- D) “Desemprego entre idosos e busca por vagas aumentam, diz pesquisa – Levantamento inédito do Vagas.com mostra maior procura por colocação por pessoas com mais de 60 anos, mesmo aposentadas, e vagas em queda” (*Veja* – maio de 2017).
- E) “Negligência dos pais no mundo virtual expõe criança a efeitos nocivos da rede” (*Conjur* – abril de 2017).

04. (Seduc-PI/2015) O sociólogo polonês Zygmunt Bauman é autor da obra *Vida para consumo*. Sobre o tema, de acordo com Bauman, assinale a alternativa correta.

- A) As relações sociais construídas pelo consumo geram relações cada vez mais sólidas e estáveis.
- B) Os próprios membros da sociedade de consumo são mercadorias de consumo, qualidade que os torna autênticos membros dessa sociedade.
- C) Todas as necessidades dos membros da sociedade de consumo têm um condicionamento biológico.
- D) A sociedade de consumo tem como característica o desestímulo ao desperdício.
- E) O novo indivíduo consumista assume características sólidas e quase sempre posterga o prazer do consumo.

05. (TRT-MG/2015) Zygmunt Bauman: *Vivemos o fim do futuro*.

Em 1963, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman foi censurado e afastado da Universidade de Varsóvia por causa de suas ideias, tidas como subversivas no comunismo. Hoje, aos 88 anos, é considerado um dos pensadores mais eminentes do declínio da civilização. Nesta entrevista, ele fala sobre como a vida mudou nos últimos 20 anos.

Época – De acordo com sua análise, as pessoas vivem um senso de desorientação. Perdemos a fé em nós mesmos?

Zygmunt Bauman – Durante toda a Era Moderna, nossos ancestrais viveram voltados para o futuro. Eles avaliavam a virtude de suas realizações pelo modelo da sociedade que queriam estabelecer. A visão do futuro guiava o presente. Nossos contemporâneos vivem sem esse futuro. Estamos mais descuidados, ignorantes e negligentes quanto ao que virá.

Época – Os jovens podem mudar e salvar o mundo? Ou nem os jovens podem fazer algo para alterar a história?

Zygmunt Bauman – Sou tudo, menos desesperançoso. Confio que os jovens possam consertar o estrago que os mais velhos fizeram. Mas, para isso, precisam recuperar a consciência da responsabilidade compartilhada para o futuro do planeta e seus habitantes. Também precisam trocar o mundo virtual pelo real.

GIRON, Luís Antônio. In: *Época*. São Paulo: Globo, 19 fev. 2014. (Adaptado)

Zygmunt Bauman expressa a opinião de que

- A) o declínio da sociedade atual é resultado da postura negligente que os jovens têm com relação ao fortalecimento de ideias comunistas.
- B) o futuro do planeta depende de um diálogo mais saudável entre os jovens e os mais velhos, o qual não deve prescindir da interação virtual.
- C) os jovens poderão alterar positivamente o curso da história, com a condição de passarem a se dedicar às relações da vida real.
- D) o planeta e seus habitantes estão ameaçados, pois não há como esperar que os jovens desenvolvam uma postura responsável quanto ao seu futuro.
- E) os jovens têm se mostrado tão negligentes com o futuro quanto seus ancestrais, e isso fará recrudescer o declínio da civilização.
06. (Funcab/2012) Zygmunt Bauman reflete sobre a liquidez dos laços na sociedade pós-moderna. De acordo com o autor, podem-se caracterizar as relações sociais como:
- A) transitórias, superficiais e impessoais, cujas associações ocorrem com base em propósitos muitas vezes limitados e instrumentais.
- B) pessoais, com uma predominância nos contatos sociais primários.
- C) totalmente afetivas e homogêneas.
- D) individualistas e afetivas.
- E) instrumentais, a fim de suprir a necessidade cotidiana, pois os indivíduos necessitam preservar seus bens pessoais.

07. (MPE-MG/2013) Temas como superendividamento e responsabilidade civil ambiental são recorrentes na sociologia e epistemologia da contemporaneidade que tentam compreender o quadro da hipercomplexidade social e as causas de tantas patologias que exigem atuação combativa do Ministério Público. Edgar Morin e Zygmunt Bauman são grandes pensadores que enfrentam essa linha de pesquisa.

Assinale a alternativa que não corresponda ao pensamento de Zygmunt Bauman.

- A) Complexidade é sinônimo de transdisciplinaridade, sendo necessário unificar duas culturas (exatas e humanas), conservando a capacidade analítica das ciências exatas juntamente com a capacidade sintética das ciências humanas.
- B) O indivíduo consumidor vive em estado de perene incerteza, pois deve adequar-se aos padrões de grupo para não ser excluído, o que o difere do homem do mundo moderno que encontrava na produção sólidos esquemas de referência.
- C) Uma sociedade pode ser definida como líquido-moderna se as situações nas quais os homens atuam se modificam antes que seus modos de agir consigam se consolidar em hábitos e procedimentos.
- D) A visão pós-moderna do mundo é a de um número ilimitado de modelos de ordem, cada qual gerado por um conjunto relativamente autônomo de práticas. A ordem não precede as práticas e, por conseguinte, não pode servir como medida externa de sua validade.
08. (PUC-SP/2013) “[...] quanto mais o espaço e a distância se reduzem, maior é a importância que sua gente lhe atribui [...] e mais obsessivamente as pessoas traçam e deslocam fronteiras. É sobretudo nas cidades que se observa essa furiosa atividade de traçar e deslocar fronteiras entre as pessoas.”

BAUMAN, Zygmunt. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 75.

Considerando a visão do autor e o que você conhece das nossas realidades urbanas é correto afirmar que

- A) essa ação de criar fronteiras e obstáculos (inclusive físicos) para as relações sociais nas cidades brasileiras ainda não é um fato comum.
- B) principalmente nas cidades mais pobres do país, a confiança nas relações sociais se enfraqueceu, o que é revelado pela presença acintosa de muros.
- C) muros, guaritas e grades marcam boa parte da arquitetura urbana das nossas grandes cidades, revelando o avanço do medo nas relações urbanas.
- D) confiança nas relações sociais, em situações nas quais as pessoas se aglomeram (que é o que caracteriza as cidades) é algo que, de fato, sempre perde para o medo.
- E) condomínios fechados e shoppings não podem ser vistos como elementos de uma arquitetura defensiva, pois não impedem relações sociais amplas e livres.

09. (Uerj/2012) No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, a sabedoria popular foi rápida em perceber os novos requisitos. Em 1994, um cartaz espalhado pelas ruas de Berlim ridicularizava a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter as realidades do mundo: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro”.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Adaptado)

A alteração de valores culturais em diversas sociedades é um dos efeitos da globalização da economia.

O cartaz citado no texto ironiza uma referência cultural que pode ser associada ao conceito de:

- A) localismo
- B) nacionalismo
- C) regionalismo
- D) eurocentrismo

10. (Enem/2010) A lei não nasce da natureza, junto das fontes frequentadas pelos primeiros pastores: a lei nasce das batalhas reais, das vitórias, dos massacres, das conquistas que têm sua data e seus heróis de horror: a lei nasce das cidades incendiadas, das terras devastadas; ela nasce com os famosos inocentes que agonizam no dia que está amanhecendo.

FOUCAULT, M. *Aula de 14 de janeiro de 1976*. In. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

O filósofo Michel Foucault (séc. XX) inova ao pensar a política e a lei em relação ao poder e à organização social. Com base na reflexão de Foucault, a finalidade das leis na organização das sociedades modernas é

- A) combater ações violentas na guerra entre as nações.
- B) coagir e servir para refrear a agressividade humana.
- C) criar limites entre a guerra e a paz praticadas entre os indivíduos de uma mesma nação.
- D) estabelecer princípios éticos que regulamentam as ações bélicas entre países inimigos.
- E) organizar as relações de poder na sociedade e entre os Estados.

11. (Enem/2013) O sociólogo espanhol Manuel Castells sustenta que a comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objetivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que esses movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui atuar na consciência da sociedade no seu conjunto.”

Disponível em: www.compolitica.org. Acesso em: 2 mar. 2012. (Adaptado)

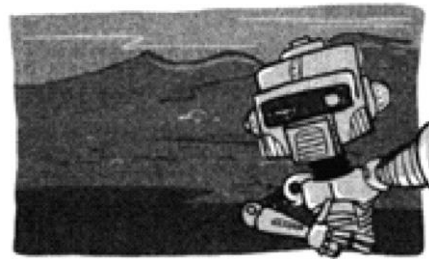
Em 2011, após uma forte mobilização popular via redes sociais, houve a queda do governo de Hosni Mubarak no Egito. Esse evento ratifica o argumento de que

- A) a Internet atribui verdadeiros valores culturais aos seus usuários.

- B) a consciência das sociedades foi estabelecida com o advento da Internet.
- C) a revolução tecnológica tem como principal objetivo a deposição de governantes antidemocráticos.
- D) os recursos tecnológicos estão a serviço dos opressores e do fortalecimento de suas práticas políticas.
- E) os sistemas de comunicação são mecanismos importantes, de adesão e compartilhamento de valores sociais.

12. (Enem/2014)

**NASA DIVULGA A
PRIMEIRA FOTO FEITA
PELO ROBÔ OPPORTUNITY
NO SOLO DE MARTE.
VEJA:**



Will.

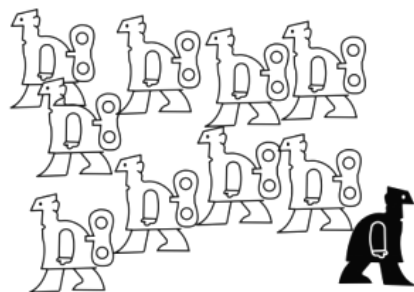
Disponível em: willtirando.com.br.

Acesso em: 7 nov. 2013.

Opportunity é o nome de um veículo explorador que aterrissou em Marte com a missão de enviar informações à Terra. A charge apresenta uma crítica ao (à)

- A) gasto exagerado com o envio de robôs a outros planetas.
- B) exploração indiscriminada de outros planetas.
- C) circulação digital excessiva a autorretratos.
- D) vulgarização das descobertas espaciais.
- E) mecanização das atividades humanas.

13. (Enem/2013)



CAULOS. Disponível em: www.caulos.com.

Acesso em: 24 set. 2011.

O cartum faz uma crítica social. A figura destacada está em oposição às outras e representa a

- A) a opressão das minorias sociais.
- B) carência de recursos tecnológicos.
- C) falta de liberdade de expressão.
- D) defesa da qualificação profissional.
- E) reação ao controle do pensamento coletivo.

14. (JAS/2017) Entrevista com o filósofo Zygmunt Bauman.

Pergunta: As redes sociais mudaram a forma como as pessoas protestam e a exigência de transparência. Você é um cético sobre esse “ativismo de sofá” e ressalta que a Internet também nos entorpece com entretenimento barato. Em vez de um instrumento revolucionário, como alguns pensam, as redes sociais são o novo ópio do povo?

Resposta: A questão da identidade foi transformada de algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto. A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede não pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo.

O Papa Francisco, que é um grande homem, ao ser eleito, deu sua primeira entrevista a Eugenio Scalfari, um jornalista italiano que é um ateu auto proclamado. Foi um sinal: o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos mas são uma armadilha.

El País, 9 jan. 2016.

Na entrevista, Zygmunt Bauman defende que as redes sociais funcionam como verdadeiras armadilhas para uma verdadeira interação nos tempos contemporâneos. Isso pode ser explicado pelo fato de que

- A) as redes sociais não ensinam a dialogar porque é um ambiente artificial de interação, muito diferente de uma verdadeira comunidade, a exemplo da entrevista do papa Francisco ao jornalista Eugenio Scalfari.
- B) ao utilizar as redes sociais apenas para escutar o “eco de suas próprias vozes”, as pessoas não desenvolvem de fato habilidades sociais, uma vez que não são expostas ao confronto de ideias.
- C) é uma resposta falaciosa, uma vez que Bauman afirma que não se estabelecem verdadeiros diálogos em tempos de redes sociais, apesar de ele estabelecer uma interação através da entrevista.
- D) o ato de excluir um contato de uma rede social é uma atitude autoritária, uma vez que apenas a rede pertence ao usuário, não a inteira comunidade.
- E) diferentemente de tempos anteriores, “a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas”, ou seja, do período contemporâneo. A interação fornecida pelas redes sociais é apenas superficial e insatisfatória.

15. (JAS/2017) O nosso tempo é de desengajamento. O modelo panóptico de dominação, que usava a vigilância, o monitoramento e a correção da conduta dos dominados como estratégia principal, está sendo rapidamente desmantelado e dá lugar à autovigilância e ao auto monitoramento por parte dos dominados, tão eficiente em obter o tipo correto de comportamento quanto o antigo método de dominação.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. (Adaptado)

O desengajamento tratado por Bauman, no texto, mostra que estão em curso mudanças que têm como consequência o(a)

- A) liberdade para agir sem o controle familiar.
- B) conflito entre diversos modelos de conduta.
- C) definição individual dos modelos de conduta social.
- D) valorização de referenciais coletivos de organização.
- E) solidez dos relacionamentos sociais no âmbito político.

RESOLUÇÕES

01. O texto faz referência à pós-modernidade associada ao contexto da década de 1990 (globalização), época em que a revolução técnico-científica e o avanço dos mercados promoveram o individualismo, o consumismo e a compressão do tempo e do espaço.

Resposta: A

02. Foucault entende o poder não como um objeto natural, mas uma prática social expressa por um conjunto de relações. Temos que pensar o poder não como uma “coisa” que uns tem e outros não, como, por exemplo, o pai e o filho, o rei e seus súditos, o presidente e seus governados etc., mas como uma relação que se exerce, que opera entre os pares: o filho que negocia com o pai, os súditos que reivindicam ao rei, os governados que usam dispositivos legais para fiscalizar o presidente etc. Deste ponto de vista, poder não se restringe ao governo, mas espalha-se pela sociedade em um conjunto de práticas, a maioria delas essencial à manutenção do Estado. O poder é uma espécie de rede formada por mecanismos e dispositivos que se espriam por todo cotidiano – uma rede da qual ninguém pode escapar. Ele molda nossos comportamentos, atitudes e discursos. Compreender o Estado como portador do poder é um equívoco, pois além de ser dispendioso, o poder externo não é capaz de dar conta dos corpos individuais, este poder não permeia a vida e não é capaz de controlar os indivíduos. Os micropoderes atuam de forma capilar e moldam por meio dos instrumentos do Estado as reações, domesticando os indivíduos, hierarquizando-os, normatizando comportamentos em suas relações. Isto ocorre desde as relações mais simples até as relações mais complexas, criando condições para estabelecer uma disciplina social ampla.

Resposta: C

03. É visível que o avanço da tecnologia tenha inúmeros pontos positivos em nossas vidas. É veloz, criativo e confiável. Vem para o nosso conforto. Em diversas áreas estas descobertas só vêm facilitando maneiras de trabalhar com eficiência e dinamismo. Observamos grandes desafios e conquistas nas áreas da saúde, cultura, educação, segurança, comunicação etc. Temos até a sensação de que não saberíamos viver sem tais meios. Exemplo: celular, computador, telefone, televisão etc. Mas, se pararmos para raciocinar melhor, logo veremos que cada vez mais as pessoas deixam de relacionar-se pessoalmente, estão esquecendo o lado humano. “Comunicam-se pela Internet”.

Resposta: B

04. Nesta obra, entre outras coisas, Bauman fala a respeito da transição da sociedade dos produtores para a sociedade dos consumidores. “O novo indivíduo consumista assume características líquidas e extrai a postergação do prazer de consumir e desloca-o para o imediato. O ponto durável das mercadorias é descartado por essa nova sociedade e não existe mais lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir. Os consumidores, segundo Bauman, são bombardeados de todos os lados por sugestões de que precisam se equipar com um ou outro produto fornecido pelas lojas se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam desempenhar, suas obrigações sociais e proteger a autoestima.”

Resposta: B

- 05.
- A) O declínio da sociedade atual é resultado da postura negligente dos nossos contemporâneos, não dos jovens; pelo contrário, eles é que podem ser a esperança, segundo Bauman.
 - B) O texto não fala em diálogo entre jovens e mais velhos.
 - D) “...pois não há como esperar que os jovens desenvolvam uma postura responsável quanto a seu futuro” – O pensamento do sociólogo vai de encontro com essa ideia; se há uma esperança, ela está nos jovens, com algumas ressalvas, é claro.
 - E) afirmativa estapafúrdia dizer que os ancestrais foram negligentes, o sociólogo até os enaltece dizendo que tinham visão de futuro, que se planejavam com avaliações do que houvera realizado.

Resposta: C

06. A sociedade pós-moderna é formada por um conjunto de leis e regulamentos racionalmente elaborados. É o que ocorre, por exemplo, nas grandes sociedades urbanas industriais. Ali, as relações sociais tendem a ser formalizadas e impessoais; os indivíduos não dependem diretamente uns dos outros para seu sustento e estão muito menos comprometidos moralmente entre si.

Resposta: A

07. A relação consumo/exclusão também é focalizada nos escritos de Zygmunt Bauman, mas sob uma ótica diversa, bem menos otimista. Para ele, a sociedade de consumo aprofundou as desigualdades sociais, pois todos nós estamos “condenados à vida de opções, mas nem todos temos os meios de ser optantes” (Bauman, 1999, p. 94). Deste modo, a capacidade – ou não – de consumir configura-se como um dos critérios de inclusão/exclusão social. Segundo Bauman (2007), vivemos em uma sociedade de consumidores, aquela que interpela seus membros basicamente como consumidores, que os julga e avalia principalmente por sua capacidade e conduta relativa ao consumo. Assim, para ele, por um lado, temos os consumidores experientes, aqueles que se regozijam com o (cada vez mais rápido) descarte após o desfrute que objetos e pessoas podem proporcionar, e que estão sempre prontos a movimentar a economia. Por outro lado, encontramos os consumidores falhos ou fracassados, aqueles sem condições de lubrificar as rodas da economia de consumo. Para esses sujeitos, diz o autor, a exclusão social acontece de fato.

Resposta: A

08. A desigualdade social e econômica que opõe as classes é representada significativamente por formas distintas de “habitar” na cidade e caracterizadas, de forma polarizada, pela dupla exclusão: a autoexclusão das elites nos bairros de alta renda e a exclusão dos miseráveis sem acesso à moradia. Se de um lado as elites se protegem confinadas em fortalezas e *bunkers* urbanos contratando proteção e segurança particular de todo tipo, o poder público se encarrega dos pobres e miseráveis através de políticas públicas de repressão, recolhimento e confinamento, para mantê-los fora do campo de ação e de visão, sob controle, muitas vezes até mesmo legitimando, pela aprovação velada ou disfarçada, ou pela omissão, o seu extermínio. Esse quadro é intensificado na mesma medida da concentração de renda e do empobrecimento da população.

Resposta: C

09. De acordo com o texto, o mundo globalizado deslocou valores culturais há muito enraizados em diversas sociedades, em função de necessidades e demandas mercadológicas, como, por exemplo, a maior circulação e o consumo de produtos das procedências mais variadas. Assim, entra em pauta a revisão do valor da identidade nacionalista, no sentido de cada vez mais se redimensionar sua relevância e centralidade como critério de estabelecimento de diferenças e hierarquias entre países e povos.

Resposta: B

10. O filósofo francês Michel Foucault identifica as leis como expressão de um jogo de forças que articula e manifesta as relações de poder na sociedade.

Resposta: E

11. O texto faz uma defesa da utilização da Internet como meio de propagação de ideologias, o que pode, eventualmente, culminar em grandes mobilizações, já que, através das redes sociais, por exemplo, pode haver uma partilha de valores e, posteriormente, uma ampliação da consciência da sociedade em seu conjunto. Basicamente, o texto ilustra o que aconteceu na primavera árabe, no ano de 2011, que, entre outras coisas, foi responsável pela queda da ditadura de Hosni Mubarak no Egito. Todas as alternativas são falsas, exceto a alternativa E. Vamos analisar uma por uma para descobrir onde estão as inconsistências.

- A e B) A Internet não é responsável por atribuir valores culturais ou estabelecer a consciência das sociedades, como dizem as alternativas, mas apenas por facilitar esses processos.
- C) O objetivo da revolução tecnológica não é depor governantes antidemocráticos. Porém, essa foi a consequência do uso pelo povo do Egito.
- D) O exemplo da Primavera Árabe prova exatamente o contrário do que encontramos nessa assertiva.

Resposta: E

12. A imagem apresenta o robô da NASA registrando imagens de Marte através dos autorretratos, as famosas *selfies*, fazendo uma sátira ao comportamento dos seres humanos da pós-modernidade que postam *selfies* indiscriminadamente nas redes sociais, preferindo registrar a si mesmo. Não faria diferente o robô criado pelas mãos pós-modernas: registrou a si mesmo, e não Marte.

Resposta: C

13. Nesta questão é dado um cartum e é pedido que se responda o que representa a figura em destaque. Logo na primeira frase do enunciado a questão já dá uma dica: trata-se de uma crítica social. Reunindo estes pequenos conteúdos dados e inserindo-os no âmbito social já é possível inferir que as figuras iguais apresentam um sintoma em comum. Além de serem iguais, são movidos a corda (para quem nasceu no século XXI ou nos últimos suspiros do sec. XX talvez não esteja exatamente familiarizado com esta criação. Basicamente, quando se dá corda em um brinquedo eles fazem movimentos repetitivos e robóticos para se locomover). Apenas um elemento parece se locomover na direção contrária, não precisando de corda para isso, além de ter uma cor diferenciada, o que nos leva a pensar que é este indivíduo quem está rompendo com o padrão daquela sociedade, descolando-se da massificação do comportamento. Este indivíduo rompeu um padrão vigente. Portanto, este cartum critica nossa sociedade, que se mostra cada vez mais pragmática e rígida. Vamos analisar uma por uma das alternativas:

- A) **Incorreta.** Não há, na imagem, apesar da cor diferenciada dos bonecos, um destaque para a questão racial.
- B) **Incorreta.** A corda não está associada ao tipo obsoleto de mecânica, mas ao movimento induzido e repetitivo a que lhe é atribuído.

C) **Incorreta.** Como já foi mencionado, o elemento está visivelmente percorrendo seu caminho sem grandes problemas. Não está sendo reprimido ou censurado. Não há, tampouco, obstáculos físicos que possam impedi-lo de se locomover.

D) **Incorreta.** Na realidade, não fossem as cordas, poderíamos interpretar o cartum dessa maneira. Porém, com a presença delas, não há outra interpretação possível senão o conceito de movimento induzido e repetitivo, não havendo possibilidade de analogia com qualificação profissional.

E) **Correta.** O vocábulo “reação” se encaixa perfeitamente na definição da atitude do elemento em destaque, já que ele está no contrafluxo dos seus semelhantes, não precisando de nenhum controle – representado pela corda.

Resposta: E

14. Bauman afirma que as habilidades sociais são desenvolvidas apenas em situações de confronto de ideias, quando os indivíduos precisam interagir com pessoas que pensam diferentemente e mesmo assim estabelecer diálogo, a exemplo da entrevista do papa a um ateu. Nas redes sociais haveria a tendência de se excluir pessoas com posicionamentos divergentes, mantendo apenas aqueles contatos com posicionamentos similares.

Resposta: B

15.

A) **Incorreto.** Para o autor, mesmo em situações em que há o desengajamento social e a perda dos referenciais coletivos, o modelo familiar continua a orientar a conduta individual, pois reflete a tendência de organização comunitária típica dos “tempos líquidos”.

B) **Incorreto.** Segundo o texto, o desengajamento social pode refletir no crescimento do individualismo e da competição entre os indivíduos no âmbito profissional, por exemplo. No entanto, essas transformações não redundam, necessariamente, em mais conflitos sociais, tampouco implicam em conflitos de ordem comportamental.

C) **Item verdadeiro.** O enfraquecimento do poder do Estado, bem como de outras instâncias de controle social, que se enquadram no que o autor chama de “modelo panóptico de dominação”, é acompanhado pelo surgimento de mecanismos individuais de controle, que definem formas de comportamento com base no autocontrole e na autovigilância.

D) **Incorreto.** Uma das consequências que podem decorrer do chamado “modelo panóptico de dominação” é o crescimento dos referenciais individuais de organização, ou mesmo a procura por grupos mais restritos. O autor evidencia o declínio do poder do Estado e de suas instâncias disciplinares de controle social, que dão lugar a formas mais individualizadas de dominação.

E) **Incorreto.** A análise dos relacionamentos sociais na contemporaneidade, período conceituado por Bauman de “modernidade líquida”, retrata o enfraquecimento da esfera pública e o reforço da esfera privada de organização política.

Resposta: C

SUPERVISOR(A)/DIRETOR(A): MARCELO PENA – AUTOR(A): JOÃO SARAIVA
DIG.: ROMULO – REV.: KATIARY